

é exatamente porque é capaz de criar a cultura” (2.9.1975). Entende-se, assim, que a autora de “Mar Novo” tivesse a maior confiança política e pessoal no seu amigo Mário Soares. Afinal, a democracia – e esse é o grande desafio do presente – precisa de estar apta a responder aos anseios dos cidadãos, como sistema sempre incompleto, mas suscetível de se aperfeiçoar permanentemente. Não há democracia sem partidos, não há liberdade sem o voto livre dos cidadãos, mas é preciso ir ao encontro da legitimidade do exercício, garantir o cumprimento das responsabilidades – ou seja, prestar contas dos compromissos assumidos, garantir uma permanente avaliação do serviço público e assegurar uma ligação efetiva entre o Estado e a sociedade, o Governo e os cidadãos. Se hoje há uma crise nas sociedades democráticas, que suscita a emergência dos populismos, tal deve-se ao déficit de orientação política e à tentação de governar para contentar no imediato a sociedade, como se os cidadãos fossem clientes e a governação um mero fornecedor de benefícios de curto prazo. Na questão europeia ou na intransigência quanto à democracia pluralista (contra

as tentações vanguardistas), prevaleceu a determinação política da participação de Portugal num espaço de desenvolvimento e de modernidade e da criação de defesas contra o autoritarismo.

Quando Mário Soares levantou a bandeira «Europa Connosco», entendeu que a democracia obrigaria a termos uma voz respeitada internacionalmente. José Medeiros Ferreira compreendeu-o muito bem. Só seríamos ouvidos no mundo, se tivéssemos lugar e relevância entre os países mais desenvolvidos. No entanto, o projeto europeu sofreu nos últimos anos um nítido enfraquecimento. Em lugar do cosmopolitismo e da abertura, temos fechamento e idolatria. Isso preocupava profundamente o antigo Presidente, que reclamava uma União mais política e a necessidade de mais justiça bem como de coesão social e económica. Ao invés da tendência que se vem impondo, torna-se necessário haver um maior orçamento europeu, capaz de aumentar o crescimento, o investimento reprodutivo e o emprego. Com desgosto, via, no entanto, prevalecerem os egoísmos nacionais e uma lógica do salve-se quem puder – em lugar da solidariedade. O

ideal europeu de paz e desenvolvimento desvaneceu-se... Daí a concordância com os alertas de Bento XVI contra as economias de casino, e com a posição do Papa Francisco contra as desigualdades, as injustiças e o mercado que mata. Infelizmente, os últimos acontecimentos só agravaram as perspectivas futuras, confirmando os alertas oportunamente lançados. “Só é vencido quem desiste de lutar”. Em diversas circunstâncias na sua vida política Mário Soares demonstrou como o lema tem de ser compreendido e vivido. Na resistência democrática, na implantação da democracia, na luta contra todas as ameaças à liberdade, na afirmação da Economia Social, na crítica ao mercantilismo – houve altos e baixos, vitórias e derrotas, no entanto o legado fundamental é o do constitucionalismo da Res Publica, que tem de continuar a ser aprofundado. O primado da Liberdade e da Cultura significa, no fundo, que a cidadania se deve preservar através da autonomia, da responsabilidade, da inovação e da criatividade. Educação, Ciência e Cultura são cada vez mais cruciais. São essas as marcas verdadeiras do patriotismo prospetivo. ■

Mário Soares (1924–2017)

“Sentimo-nos obrigados a partilhar a nossa experiência com as gerações mais novas, para que possam perceber que a vida sem liberdade não faz sentido.”

Texto originalmente publicado em *Journal of Democracy*, Abril 2017, vol.28, n°2

M

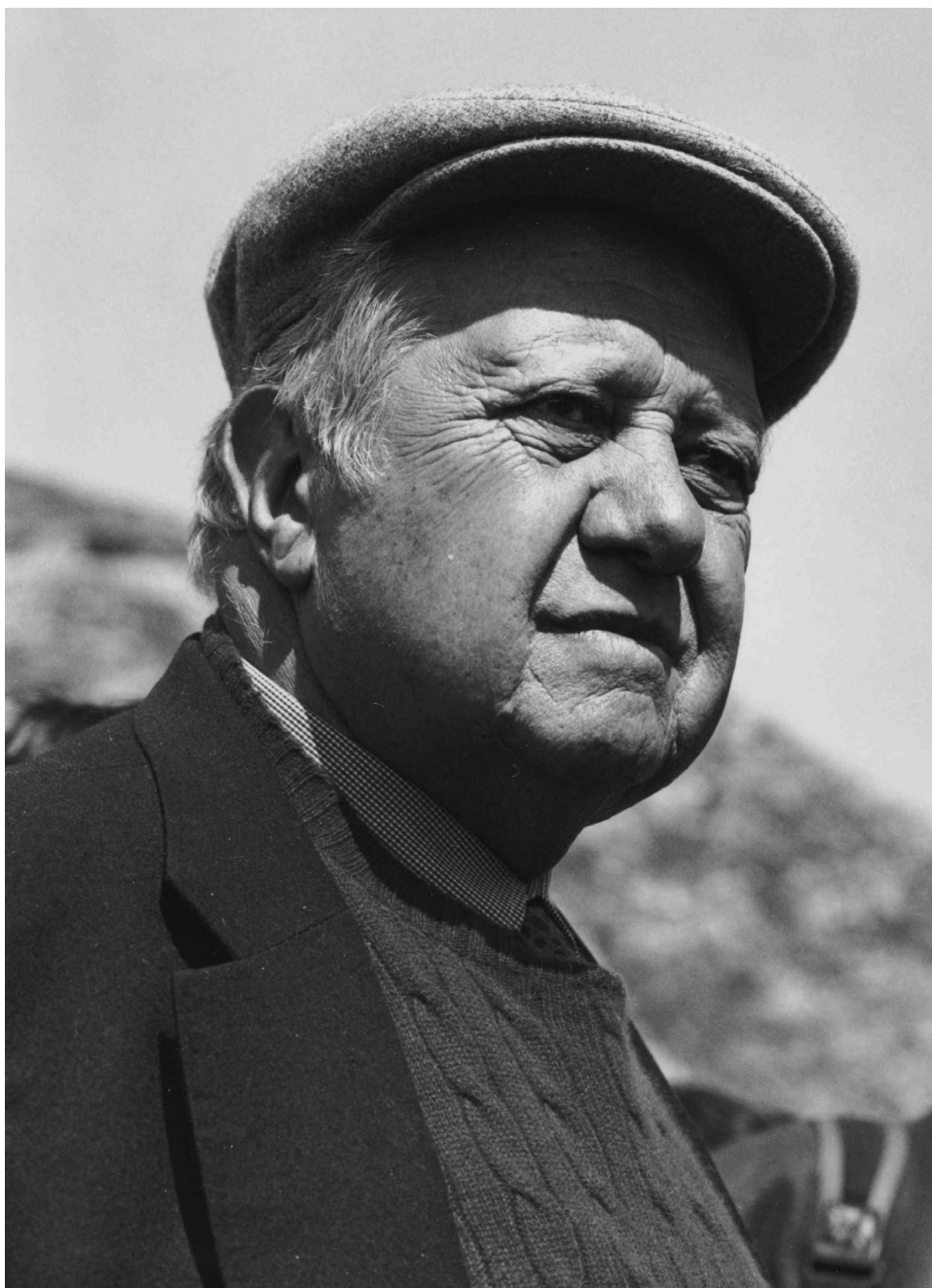
ário Soares, uma figura amplamente aclamada como o pai fundador da democracia portuguesa e membro do Comité Consultivo Internacional do *Journal of Democracy*, morreu a 7 de Janeiro de 2017, aos



POR
João Carlos Espada

Director do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Director de *Nova Cidadania*

92 anos. A sua morte foi assinalada com três dias de luto nacional e honras de Estado. Esta homenagem oficial ao seu exercício do cargo de Primeiro Ministro e, depois, Presidente de Portugal, foi também uma oportunidade para prestar homenagem e reflectir acerca do papel fundamental que Mário Soares desempenhara na transição para a democracia de 1974 no seu país, que inaugurou a “terceira vaga” de democratização mundial.



A liderança de Soares mostrou ser o cimento que tornou possível que os democratas portugueses travassem os comunistas e consolidassem uma democracia liberal e uma economia de mercado em Portugal

Nos anos 70, Portugal vivia há várias décadas sob uma ditadura militar de direita que tinha praticamente a mesma idade do próprio Soares – começara em 1926, quando este ainda não tinha dois anos. Advogado em Lisboa e conhecido inimigo da ditadura, esteve preso nada menos do que doze vezes. Em 1968, o regime enviou-o para o exílio na ilha do Atlântico de São Tomé (então ainda colónia portuguesa) ao largo da costa ocidental africana. Em 1970, foi-lhe permitido que saísse de São Tomé para Paris. Poucos anos depois, numa reunião semiclandestina na Alemanha Ocidental, Soares e a sua mulher, Maria Barroso, fundaram o Partido Socialista

em Portugal, de que ele foi o primeiro secretário geral.

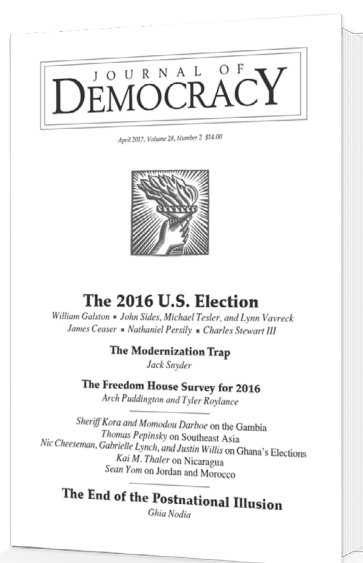
A 25 de Abril de 1974, um golpe militar praticamente sem derramamento de sangue pôs fim ao governo autocrático de Portugal e, “de forma improvável e não deliberada”, como posteriormente afirmou Samuel P. Huntington, inaugurou “a terceira vaga de democratização no mundo moderno”. Na fase inicial daquela que viria a chamar-se a Revolução dos Cravos, Soares tornou-se Ministro dos Negócios Estrangeiros de um governo de coligação que incluía o Partido Comunista Português, uma instituição obsoleta de alinhamento soviético. Mas a luta de So-

ares pela liberdade não tinha terminado. Durante o período de incerteza que se seguiu ao termo da ditadura, os membros da linha dura do Partido Comunista no governo de Lisboa começaram a reforçar, de forma autoritária, o controlo das instituições militares, políticas e civis. Mário Soares demitiu-se desse governo em 1975 e, de seguida, liderou uma coligação espontânea que conseguiu frustrar os jogos de poder dos comunistas, tendo o momento decisivo sido o fracasso de um golpe pró-comunista em Lisboa, a 25 de Novembro. Imediatamente após ter derrotado o golpe antidemocrático, Soares ergueu-se firmemente contra tentativas de proibir o Partido Comunista, reafirmando a sua visão de Portugal como um país fortemente comprometido com os princípios de uma democracia liberal.

Em 1976, Soares tornou-se o primeiro Primeiro Ministro eleito e conduziu o processo de adesão à Comunidade Económica Europeia (precursora da União Europeia), que admitiu Portugal como membro pleno em 1985. Em 1986, após um apoio inicial de apenas 8% nas sondagens, Soares venceu as eleições como o primeiro Presidente civil na história da jovem democracia portuguesa. Cinco anos depois, voltou a ser eleito com o resultado esmagador de 70% dos votos.

Durante o funeral de Estado, enquanto o caixão ia sendo transportado para a sua derradeira morada, foi reproduzido um discurso que Soares proferira durante a campanha presidencial de 1986. Uma vez mais, ouviram-se as palavras de apelo de Soares:

“Depois do 25 de Abril de 1974, alguns dos que haviam lutado contra a ditadura abriram novas prisões. Eles e outros antes deles tinham principalmente uma cega falta de respeito pelos seus concidadãos. Eles e outros antes deles julgavam-se os únicos detentores da verdade. Consideravam-se predestinados a salvar os portugueses. Há uma certeza que sempre tive: a verdade não pertence em exclusivo a ninguém e não há nada que substitua a tolerância. Este é um dos meus grandes princípios. Estive sempre com os que foram e são oprimidos e se sentiam e sentem excluídos do seu país. Em Lisboa, no exílio em São Tomé, na Fonte Luminosa [local onde se deu um comício anticomunista histórico em Lisboa], lutei sempre para que os portugueses pudessem conviver em liberdade uns com os outros, e para que todos se sentissem parte integrante de Portugal.”



Enquanto Mário Soares lutava para impedir o avanço dos comunistas em 1974-75, Henry Kissinger tinha previsto que ele acabaria por se tornar no “novo Kerensky”. Felizmente, essa previsão estava errada. Em vez disso, a liderança de Soares mostrou ser o cimento que tornou possível que os democratas portugueses travassem os comunistas e consolidassem uma democracia liberal e uma economia de mercado em Portugal.

Após a conclusão do seu segundo mandato como Presidente em 1996, Soares lançou a Fundação Mário Soares com um Ciclo de Conferências em Lisboa em que participaram influentes pensadores democráticos de vários países. Uma versão destas conferências foi posteriormente apresentada em Washington, D.C., em parceria com o *National Endowment for Democracy*, e as palestras proferidas em Washington foram subsequentemente reunidas num livro intitulado *The Democratic Invention (A Invenção Democrática)*, que foi também o título dado à palestra que o próprio Mário Soares proferiu na Universidade de George Washington em Dezembro de 1998 (depois publicada no número de Abril de 1999 do *Journal of Democracy*). Afirmou então:

“Como antigo combatente contra a ditadura, pertença a uma geração que aprendeu pela experiência o valor da democracia e a importância da liberdade. Sentimo-nos obrigados a partilhar a nossa experiência com as gerações mais novas, para que possam perceber que a vida sem liberdade não faz sentido.” ■

José Fernandes Fafe

Esquerda: A novíssima e a eterna

José Fernandes Fafe era uma personalidade rica e multifacetada.

José Fernandes Fafe era uma personalidade rica e multifacetada. Sempre ouvi a Mário Soares os maiores elogios à sua coerência, ao seu pragmatismo e ao seu arreigado gosto pelas ideias e pelas letras. Foi com Álvaro Guerra, Coimbra Martins

e José Cutileiro um dos nossos grandes embaixadores com origem política – aliando uma tradição culta a um cuidadoso sentido diplomático. Como disse Francisco Seixas da Costa, “foi um diplomata de Abril, uma figura que levou o seu prestígio intelectual para as estruturas da política externa. Serviu o país com brilho, empenhamento e qualidade”. Vi-o e falámo-nos, a última vez,

nos Jerónimos, quando nos fomos despedir de Mário Soares. Gostei de o reencontrar pelo que o admirava e porque tinha saudades da sua presença serena e ponderada. No tempo em que escreveu o seu célebre *Caderno Diário*, no Diário de Notícias de Mário Mesquita, falámos bastante – e convergimos em muitas ideias e propostas. Foi o tempo em que publicou os textos que